

ALÉM DOS 105 MINUTOS: APRENDIZADOS E SOCIABILIDADES EM UMA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL

Recebido em: 12/01/2022

Aprovado em: 25/07/2022

Licença: 

*Mauro Lúcio Maciel Júnior*¹

Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis (UEMG-Divinópolis)
Divinópolis – MG – Brasil

*Hélder Ferreira Isayama*²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Orientado pelas teorias pós-crítica do currículo, esse estudo objetiva compreender as torcidas organizadas como espaços formativos, que atuam na constituição de sujeitos torcedores. Trabalhando com um grupo chamado Movimento 105 Minutos, focalizamos as pedagogias presentes nas interações de seus membros, tomando-as como integrantes de um currículo cultural. Para tanto, foram feitas uma pesquisa bibliográfica, observações participantes e entrevistas semiestruturadas. Na produção dos dados, utilizamos a teoria do discurso de Michel Foucault. Como resultados, notamos um currículo que busca formar torcedores caracterizados pelo amor, apoio e fidelidade incondicional ao clube, aspectos manifestados tanto em falas, quanto em ações. Nesse sentido, os sujeitos adotam posturas ritualizadas, valendo-se de elementos materiais e simbólicos, a fim de formar uma identidade de grupo e transmitir seus modos de torcer.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Currículos culturais. Pedagogias culturais. Atividades de lazer.

BEYOND 105 MINUTES: FORMATION, LEARNINGS AND SOCIABILITIES IN AN ORGANIZED SOCCER CROWD

ABSTRACT: Based on the post-critical perspective of curricular studies, this work aims to understand organizations of fans known in Brazil as torcidas organizadas as formative spaces. Directly working with a group called Movimento 105 Minutos, we focus on the pedagogies in the interactions of its participants, which are presented as constituent elements of a cultural curriculum. To do it, we combine bibliographical

¹ Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis. Mestre (2019) e doutorando (2019-2023) no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da UFMG (PPGIEL/UFMG). Integrante do Oricolé: Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer da UFMG e do GEFuT: Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas.

² Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da UFMG (PPGIEL-UFMG). (2021). Líder do Oricolé – Laboratório de Pesquisa Sobre Formação e atuação Profissional em Lazer da UFMG.

research, participant observations and semi-structured interviews. To produce data, we approach concepts related to Michel Foucault's discourse theory. As results, we see a curriculum trying to form fans characterized by love, support and unconditional fidelity to the club, aspects manifested both in speeches and in actions. To approach these ideas, fans adopt a ritualized stance of supporting, using material and symbolic elements to form a group identity and share a mode of be a supporter.

KEYWORDS: Soccer. Cultural curriculum. Cultural pedagogies. Leisure activities.

Introdução

Manifestar a adesão por um clube de futebol é, muitas vezes, uma ação caracterizada pelas expressões de afeto de um torcedor para com a agremiação de sua preferência. Enunciações sobre o amor, a paixão, a lealdade e a fidelidade por determinada equipe são, assim, atos frequentes no universo desse esporte, que apresenta vinculações com diferentes dimensões da vida humana.

Representando um artefato da cultura de diversos países do mundo, o futebol tem, ao longo dos anos, se tornado um objeto de investigações presente em meio a produções situadas em variados campos de estudo. Seja por questões relativas ao desempenho esportivo, ou por suas implicações nas dinâmicas da vida social, essa modalidade vem despertando interesses de diferentes pesquisadores, que têm se dedicado à compreensão dos múltiplos fenômenos que a envolvem.

Dentro desse contexto, buscamos nos aproximar das ciências humanas e sociais na tentativa de entender esse esporte enquanto um espaço formativo, capaz de atuar na construção de modos de ser e de estar no mundo. Para tanto, tomamos a cultura como algo que extrapola os domínios da erudição, das tradições literárias, artísticas e dos padrões estéticos elitizados (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003), e entendemos o futebol como uma manifestação cultural diretamente conectada a esse termo, com potencial de interferir de forma significativa na vida das pessoas.

Partindo da noção de que os torcedores podem ser visualizados como sujeitos que são produzidos em diferentes jogos e situações (BANDEIRA e SEFFNER, 2013), voltamos nossos esforços às torcidas organizadas, a fim de compreender os papéis desses grupamentos na construção de maneiras específicas de vivenciar o futebol. Marcadas pela manifestação de práticas didaticamente empregadas, essas instituições se colocam como atores importantes no cenário futebolístico brasileiro.

Incluindo indivíduos com diferentes histórias de vida, as organizadas constituem um espaço formativo capaz de atuar na produção de sujeitos torcedores. Desempenhando papéis em conjunto com outras esferas com potencial de atuar na formação dos seres humanos, elas exercem funções na construção dos vínculos e nas apropriações que seus integrantes constroem com o futebol e com seu clube do coração.

Em outras palavras, partimos de uma compreensão de que as torcidas organizadas constituem espaços formativos capazes de produzir indivíduos que propagam modos específicos de ser torcedor. As manifestações desses sujeitos, por sua vez, “ao invés de criações espontâneas”, fazem parte de uma espécie de “aprendizado dos torcedores organizados”, que acabam demonstrando um jeito ritualizado de se colocar no mundo (TEIXEIRA, 1998, p. 93).

Dessa forma, procuramos analisar tais grupamentos a partir de uma abordagem fundamentada na vertente pós-crítica dos Estudos Culturais, na medida em que as investigações nessa perspectiva têm se voltado para as conexões que diferentes objetos, espaços e instituições da sociedade podem estabelecer com a cultura, a significação, a identidade, a subjetividade e o poder (SILVA, 2003). Buscamos, assim, inserir esse estudo em meio a outras produções que, tal como dito por Veiga-Neto (2014, p. 77-78), têm procurado examinar “representações, práticas e artefatos envolvidos com as Pedagogias Culturais”.

Para tanto, tomamos tais pedagogias como agentes de uma dimensão educativa da vida cotidiana, na medida em que, no mundo contemporâneo, é possível perceber um movimento em que “a aprendizagem migra para novos espaços socioculturais e políticos” (STEINBERG, 2015, p. 211). Nesse sentido, entendemos a produção de diferentes modos de ser torcedor como resultado das ações de pedagogias culturais, as quais, nas palavras de Silva (2000, p. 89), representam elementos que podem se fazer presentes em “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”.

A presente pesquisa se desenvolve, portanto, no sentido de compreender a formação de modos de ser torcedor, voltando esforços, especificamente, àqueles sujeitos que são produzidos em meio a vivências junto às torcidas organizadas. Em sua realização, fizemos uma incursão em um grupamento chamado “Movimento 105 Minutos”³, que pode ser caracterizado por apresentar formas de manifestação do torcer que se diferenciam, em alguns aspectos, de expressões tradicionalmente encontradas no cenário do futebol brasileiro.

Criado no ano de 2006, esse grupo se constitui, na atualidade, como uma das principais torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. Com inspirações nas *barras bravas*⁴ hispano-americanas, os membros do Movimento 105 referenciam suas práticas em um universo simbólico composto por gestos, ritmos e materiais que são encontrados em torcidas de países vizinhos ao Brasil, com destaque à Argentina e ao Uruguai.

³ Ao longo do texto também utilizaremos as denominações “Movimento 105” e “105” para nos referir a essa torcida.

⁴ *Barra brava* é uma denominação comumente usada para representar uma organização torcedora que possui presença marcante em diversos países da América Hispânica. Algumas das principais características dessas torcidas é o apoio à equipe através de cânticos durante todos os momentos dos jogos, a partir de gestuais, instrumentos e ritmos característicos. Ao longo do tempo, tais grupamentos tornaram-se reconhecidos também pelo envolvimento em ações violentas e pelas influências na política dos clubes.

Também conhecidas como *barras*, *hinchadas* ou *bandas*, essas torcidas são capazes de despertar sentimentos distintos naqueles que com elas interagem. Notadas e reconhecidas por pessoas de diferentes lugares do mundo, tais grupamentos exercem papéis importantes nos meios social e esportivo em que se encontram inseridos. A paixão, o medo, a admiração e a curiosidade são, nesse sentido, parte dos elementos que compõe o cenário que permeia a existência das *barras*.

Caracterizados como torcedores fanáticos, seus membros se notabilizam por um comparecimento frequente aos estádios para acompanharem os jogos de suas equipes. Com uma atuação vibrante e entusiasmada nas arquibancadas, acabam exercendo um papel central nas festas que emanam desses espaços. Para tanto, os *barras* ou *hinchas*⁵ levam artefatos como bandeiras, faixas e instrumentos musicais, utilizados para acompanhar os cânticos que eles próprios tomam a iniciativa de puxar (ALABARCES, ZUCAL e MOREIRA, 2008).

Movidos pelo anseio de formar uma torcida que se distinguisse pelo apoio constante e irrestrito ao Atlético, os fundadores do Movimento 105 Minutos encontraram, nos grupamentos citados, importantes referências para colocar em prática aquilo que haviam idealizado. Inseridos em um cenário global, marcado pelos constantes fluxos culturais entre as nações (HALL, 2011), esses indivíduos se apropriaram de códigos presentes em outras realidades sociais, a fim de construir aquela que viria a ser conhecida como a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Como consequência dessas inspirações, ainda nos dias de hoje esse grupo apresenta um modo de torcer que se materializa a partir de uma combinação entre artefatos e comportamentos próximos aos presentes nas *barras* hispano-americanas, juntamente com características similares àquelas manifestadas pelas torcidas

⁵ Denominações utilizadas para fazer referência aos membros das *barras* ou *hinchadas*.

organizadas brasileiras. Em meio às interações com essa rede de significados, seus integrantes acabam se inserindo em processos informais de aprendizado, os quais ocorrem no decorrer das experiências que eles desenvolvem tanto dentro, quanto fora do ambiente dos jogos.

É assim que, ao realizar esse trabalho, nos interessamos, especificamente, por aspectos que envolvem as pedagogias colocadas em ação nessa torcida, procurando obter respostas para os seguintes questionamentos: como são os torcedores que se deseja formar dentro do Movimento 105 Minutos? Quais são os conteúdos presentes nesses processos de formação? De que modo os saberes são transmitidos? Que significados eles carregam?

A fim de encontrar respostas a essas perguntas, construímos um caminho similar ao traçado por Bandeira (2017), tentando visualizar e compreender um currículo cultural presente nesse processo de formação. Composto por elementos discursivos e não discursivos, esse artefato será tomado como um instrumento para compreendermos a produção de um modo de torcer característico do Movimento 105 Minutos.

Sobre a adjetivação “cultural”, utilizada para caracterizar o currículo, cabe dizer que ela vem na esteira daquilo que Paraíso (2001) diz sobre a necessidade de marcar uma diferença, ou seja, de registrar que o que está sendo colocado em questão não é um currículo escolar. Visualizado em vivências e espaços fora dos ambientes educativos formais, esse currículo não se materializa por meio de regras e disciplinas prescritas, mas sim através de enunciados, ações e comportamentos produzidos nas relações daqueles que com ele interagem.

É na tentativa de compreender a manifestação de um currículo cultural em meio às vivências dos integrantes do Movimento 105 Minutos, que procuramos: conhecer os sujeitos que se deseja produzir nessa torcida, visualizar os conteúdos difundidos no

processo formativo, entender as formas como os saberes são transmitidos e identificar os significados que eles carregam para os torcedores.

Procedimentos Metodológicos

A fim de alcançar os objetivos propostos, combinamos as pesquisas bibliográfica e de campo. Na intenção de compreender os processos formativos vivenciados pelos membros do Movimento 105, observamos o maior número possível de componentes envolvidos nas dinâmicas do grupo, em dias de jogos na Arena Independência. As manifestações coletivas, as expressões individuais, as interações entre os torcedores, os movimentos de ocupação do estádio formaram, então, alguns dos pontos sobre os quais nos ativemos ao longo do processo de observação. Juntos, eles nos ajudaram a compreender a existência de uma rede de relações pedagógicas que se manifestavam em meio às vivências de lazer observadas.

A pesquisa de campo teve início após a aprovação do trabalho pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG), parecer número 2.809.888. Para a coleta de dados, optamos por utilizar a observação e as entrevistas semiestruturadas como técnicas de pesquisa. Contabilizando a fase exploratória e a coletada de dados, iniciada após a anuência do Comitê de Ética, acompanhamos o Movimento 105 ao longo de 8 meses e estivemos presentes em 13 das 19 partidas do Atlético como mandante, na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Realizando observações dentro e fora da Arena Independência, buscamos encontrar elementos que auxiliassem a construir um currículo cultural referente às práticas dos integrantes da referida torcida. Para isso, entretanto, não bastava ver, ouvir, experimentar e escrever. A fim de compreender as vivências precisávamos ter uma postura ativa perante o grupo, participando efetivamente de suas atividades (MAY, 2004).

Tendo isso em vista, procurávamos chegar aos jogos com cerca de duas horas de antecedência, a fim de acompanhar os membros do Movimento 105 em uma casa tradicionalmente utilizada como ponto de encontro do grupo. Assim, para além de compartilhar os momentos de socialização que se faziam presentes antes de cada partida, pudemos conhecer melhor os torcedores e auxiliar nas atividades necessárias, como, por exemplo, no transporte dos materiais da torcida até o interior do estádio.

Nas arquibancadas, nos posicionávamos junto aos demais integrantes do 105 e procurávamos nos manifestar de maneira análoga a eles, cantando as músicas e replicando os gestos tradicionalmente utilizados durante os jogos. Aprender esses comportamentos foi importante para viabilizar o trabalho investigativo, posto que, além de contribuir para nossa aceitação no grupo, uma vez adaptados ao modo de torcer compartilhado por seus componentes, pudemos dedicar um maior nível de atenção à observação das dinâmicas envolvidas nas ações e nos relacionamentos dos torcedores.

No que se refere ao registro do que vivenciávamos nas arquibancadas, a fim de não causar constrangimentos que pudessem prejudicar o trabalho de campo, evitamos utilizar qualquer equipamento estranho ao ambiente de um jogo de futebol. Todos os relatos foram feitos, então, em momentos posteriores à prática das observações, através de descrições detalhadas das experiências vividas em cada jogo. Tendo um roteiro de observações como guia, nos impusemos o compromisso de realizar as anotações dentro de um prazo máximo de dois dias, a fim de que as situações ainda estivessem vivas em nossas mentes.

Paralelamente, foram sendo realizadas as entrevistas semiestruturadas, de modo a complementar os entendimentos formulados a partir das observações. Seguindo diretrizes comuns a esse instrumento de pesquisa, elaboramos um roteiro de entrevista e, a partir dele, realizamos questionamentos aos entrevistados. Na efetivação do

processo, o entrevistado respondia às perguntas previamente preparadas, mas existia também a possibilidade de que nós, como entrevistadores, apresentássemos novas indagações, caso as julgássemos importantes para a obtenção das compreensões almeçadas (GOMES e AMARAL, 2005).

A escolha dos entrevistados, foi feita, em um primeiro momento, baseada em critérios relacionados ao nível de contato estabelecido com os membros da torcida, com a observação da frequência dos torcedores nos jogos e por meio de percepções sobre a representatividade e a atuação de cada membro no interior do grupo. De forma complementar, houve a seleção de indivíduos em decorrência da sugestão de torcedores já entrevistados. A partir desses procedimentos, dez sujeitos participaram dessa etapa do estudo, sendo oito do sexo masculino e dois do sexo feminino, a fim de manter uma proporção próxima àquela encontrada para homens e mulheres no interior da torcida⁶.

Por fim, com o objetivo de organizar os dados, realizamos manualmente a transcrição de todas as entrevistas. Posteriormente, optamos por agrupar os entrevistados em duas categorias distintas: uma representada por pessoas que exercem papel de liderança dentro do Movimento 105 (composta por quatro membros, sendo três homens e uma mulher) e outra formada por “integrantes comuns” da torcida (composta por seis torcedores, sendo cinco homens e uma mulher).

Com o intuito de manter o anonimato dos sujeitos, ao mencionar suas falas no texto, identificamos cada entrevistado por meio de um código formado pela letra “T” (referência à palavra torcedor), seguida de um hífen (-) e de números de 1 a 10.

Para análise de dados, utilizamos os elementos discursivos coletados e os submetemos a uma análise baseada nas teorias do discurso com inspiração nos trabalhos de Michel Foucault. Assim, tivemos a intenção de verificar desejos e percepções dos

⁶ Conforme será mostrado no decorrer do trabalho, o Movimento 105 Minutos possuía, na época da coleta, um grupo composto por cerca de 120 torcedores (aproximadamente 80% do sexo masculino e 20% do sexo feminino).

sujeitos da pesquisa, acerca de suas condições como torcedores e como participantes do Movimento 105 Minutos.

Olhares Sobre um Currículo Atuante na Constituição de Sujeitos Torcedores

Compreendendo a complexidade que envolve a organização dos saberes e dos poderes que constroem a rede de significados compartilhada pelos membros do Movimento 105 Minutos, não temos a pretensão de definir um caminho que seja único ou verdadeiro, capaz de abarcar a totalidade dos processos formativos presentes nessa manifestação cultural. Tendo em vista as perspectivas teóricas que fundamentam esse estudo, adotamos uma postura assentada no entendimento de que:

Quem, como nós, trabalha com as teorias pós-críticas, no território da Educação, não faz mais a pesquisa “do Currículo”, no sentido global. Pesquisa que requeria, como resultados, explicações totalizantes e unificadoras sobre a verdade e o verdadeiro do Currículo. Explicações sobre “a Teoria” ou “a Prática” do Currículo, que costumavam reinar sem qualquer partilha. Menos pretensiosamente, o/a pesquisador/a pós-crítico/a analisa as vicissitudes do desejo por um sujeito e os acidentes da linguagem de cada currículo: daquele “um currículo” específico, que escolheu para investigar – sendo, ao mesmo tempo, também “escolhido/a” por ele. Escolhas que se consubstanciam em outra ética de trabalho, em outra linguagem de crítica, e em outras relações com “a verdade” de sua própria pesquisa (CORAZZA, 2004, p. 17).

Procuramos deixar claro, então, que ao trabalhar com as manifestações emanadas pelos membros do grupamento estudado, tentamos compreender os processos que marcam a produção de sujeitos torcedores, através de olhares para desejos e intencionalidades manifestados em seus discursos e ações. Inseridos em um cenário amplo, tais elementos se materializam em meio a regras e expectativas, histórica e culturalmente estabelecidas, acerca daquilo que se espera de integrantes de uma torcida organizada.

Passíveis de serem aprendidas e ensinadas, a linguagem e as interações dos torcedores são visualizadas como textos que atuam na (re)produção de sujeitos. Sendo assim, apesar da existência de variações entre si, as formas como cada indivíduo se apresenta como torcedor relacionam-se a uma mesma formação discursiva, dotada de

um conjunto de dispersões e regularidades (FOUCAULT, 2008). Isso quer dizer que, ainda que existam múltiplas formas de vivenciar experiências como torcedor de futebol, há regras que determinam a inteligibilidade dos discursos que permeiam essa experiência.

Mesmo imersos em um cenário composto por normas comuns relativas aos modos de se manifestar como torcedores, observamos o Movimento 105 como um espaço onde o atleticano pode encontrar referências específicas sobre como vivenciar essa situação. Capaz de trazer ensinamentos sobre “comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144), esse grupo possui um currículo que atua na formação de seus participantes como torcedores.

Nesse sentido, os integrantes da *barra* do Galo interagem em meio a um conjunto de saberes envolvidos em uma “economia do afeto que busca produzir certo tipo de subjetividade e identidade social” (SILVA, 2003, p. 136). Objetivando compreender os processos envolvidos na produção dos sujeitos que participam dessa torcida, demos atenção a elementos que nos auxiliam a entender os caminhos que seus membros utilizaram para construir as verdades sobre um determinado “eu torcedor”.

Para isso, buscamos tanto as identidades que unem suas falas, quanto as diferenças que movimentam e dão vida ao currículo que envolve esses seres. Entendido como um objeto que está em constante processo de formação (PARAÍSO, 2010), esse artefato pedagógico se materializa por meio dos enunciados, das ações e dos comportamentos dos membros da torcida. Importa lembrar, entretanto, que sua existência se dá por meio da interação entre sujeitos cuja existência também é marcada por experiências anteriores e exteriores ao Movimento 105.

Aceitação e Entrada no Movimento 105

Majoritariamente composto por homens brancos e jovens, o Movimento 105 pode ser visto como um grupo cujos integrantes, à primeira vista, parecem apresentar mais similaridades do que aquilo que se percebe a partir da prática investigativa. Marcados por possuírem diversas ocupações, por terem origens diferentes, por se inserirem em classes sociais distintas e por serem portadores de variados posicionamentos políticos e ideológicos, esses indivíduos encontram, no apreço pelo Atlético, a chave para o estabelecimento das ligações capazes de os unir em torno de um interesse em comum.

Vindos de famílias atleticanas, mesmo possuindo trajetórias de vida diversas e se encontrando diferentemente posicionados no mundo, os sujeitos da pesquisa carregam similaridades em seus processos de formação como torcedores. Distanciando-se de narrativas voltadas à existência de uma suposta essência em ser atleticano, os relatos coletados mostram a importância atribuída ao núcleo familiar na construção de seus vínculos com o Clube Atlético Mineiro.

Minhas relações com o Galo e com o futebol começaram muito cedo, por causa do meu bisavô, que era atleticano, e daí isso foi passando pra família inteira, que é toda atleticana. Comecei a gostar, vendo os primos, os tios...até que um dia pedi para minha mãe, porque não tenho contato com meu pai, para me levar ao estádio. A partir daí eu nunca mais saí do estádio (T-1).

Eu vim de uma família onde o futebol estava muito presente e onde todo mundo era atleticano: meu pai, meus tios. E aí, quando eu era pequeno, tive uma tendência de ir pro lado de lá, mas meu pai não deixou. E com seis, sete anos, passei realmente a apreciar o futebol no geral, a não perder nenhum jogo. Então eu já frequentava o estádio nessa época, já ia em muito jogo do Atlético. E agradeço ao meu pai por ter me feito atleticano (T-5).

Sendo o ambiente familiar um espaço eminentemente educativo, nele se iniciam diversas relações identitárias capazes de acompanhar as pessoas ao longo de todo o processo de suas vidas. Permeado por relações de poder, esse meio atua na transmissão

de saberes que participam do delineamento de condutas e escolhas de seus integrantes, o que pode ser visto em trabalhos como os de Bergo (2011) e Prates e Garbin (2017), que tratam dos aprendizados vinculados a diferentes crenças religiosas.

Falando especificamente do futebol, é possível dizer que, tal como mostrado por Damo (1998) e Silva (2001), o afeto por um time da modalidade pode ser visto como um conteúdo valorizado no âmbito familiar. Nesse sentido, há possibilidades de enxergar a escolha e o estabelecimento de vínculos com uma equipe, como resultado de ações educativas. Decorrentes da transmissão de saberes entre indivíduos de diferentes gerações, essas práticas atuam sobre os sujeitos que vão, aos poucos, se constituindo como torcedores de algum clube da modalidade.

Olhando para os torcedores estudados, percebemos que, para além de constituírem um sentimento de proximidade com o Atlético, os vínculos familiares parecem ter sido responsáveis por instigar uma vontade de acompanhar essa equipe de perto. O desejo e o apreço por ir aos estádios são colocados, então, como anseios que acompanham esses seres em momentos anteriores às suas entradas no Movimento 105 Minutos.

Meu tio era membro de uma organizada quando eu era criança. E eu via ele indo pra estádio, sempre queria ir, mas quando criança ia muito pouco. Então eu ficava com aquilo, de que, quando eu crescesse, eu iria pro estádio o máximo que eu pudesse. Então, assim que eu pude, comecei a ir aos jogos e hoje, sempre que eu posso, procuro estar presente em todos os jogos do Atlético (T-3).

Eu sempre gostei de ir no campo. Minha relação com estádio tem muita proximidade com meu pai, que foi quem me ensinou a gostar de ir ao campo. Quando criança a gente ia juntos. Depois, como adolescente também... até que chegou um momento que passei também a ir sozinho, porque isso foi ganhando uma dimensão cada vez maior pra mim e meu pai não foi acompanhando tanto mais (T-8).

Dentro desse contexto, a família aparece como uma instância pedagógica atuante na constituição dos torcedores. Na medida em que o desejo é tido como um componente “fundamental para aprender” (PARAÍSO, 2009, p. 278), sua presença nas falas revela a abertura dos sujeitos para uma imersão no universo do futebol. Apesar de possuírem

diferentes histórias de vida, esses indivíduos vão construindo afinidades a partir do sentimento cultivado pelo Atlético.

Para além disso, o desejo de ir ao estádio marca uma espécie de encantamento com o clube e com o local onde o Galo realiza suas partidas. Caracterizado por ser um espaço onde os torcedores podem expressar os sentimentos e emoções que sentem por seu time do coração, o estádio tem um valor simbólico importante para esses sujeitos. Afinal, tal como dito por Mascarenhas (2014), esse é o lugar onde os fãs procuram se fazer protagonistas do espetáculo futebolístico, sofrendo, gritando, reclamando, gesticulando e se articulando coletivamente em torno da paixão e da fidelidade que nutrem por um clube.

Na medida em que o Movimento 105 tem suas atividades predominantemente marcadas pela atuação no interior dos estádios de futebol, o apreço por estar presente nesse espaço mostra que os integrantes da *barra* do Galo se aproximam, ou tentam se aproximar, de um ideal que é, também, cultivado e valorizado pelo grupo. Representando uma torcida que surgiu da vontade de apoiar o Atlético de forma incondicional, o Movimento 105 se coloca como uma torcida em que o comparecimento aos jogos, a dedicação e a disposição para empurrar o time das arquibancadas, aparecem dentre as principais características manifestadas por seus integrantes.

Em meio a esse contexto, quando se olha para os discursos relativos à entrada no 105, o hábito de frequentar a Arena Independência aparece como um dos elementos mais mencionados pelos torcedores. Ainda que não seja a única forma de se inserir na *barra* do Galo, visto que também há casos em que novos integrantes chegam devido ao convite de amigos ou familiares, o estádio parece ser a principal porta de entrada para que uma pessoa estabeleça seus primeiros contatos com o grupo.

No meu caso específico, eu vejo que a entrada no 105 foi muito espontânea.
Eu já ficava ali, naquele setor do Independência onde fica a torcida... e eu

cantava, vibrava junto com eles, tinha um modo de torcer que se aproximava muito do 105. Aí acho que alguém virou e falou: nós temos que chamar esse cara, porque acho que ele é mais um de nós que tá ali. É um de nós que tá perdido ali. E foi assim que eu entrei na torcida (T-4).

Eu com 11 anos ia no estádio, mas ficava... costumava ficar no setor de cima do 105. Eu olhava e aquilo já me interessava. Com 11, 12 anos, eu não podia ir muito, porque minha mãe não confiava ainda. Mas quando eu fiz 13 anos, comecei a frequentar mais o estádio e ia sempre perto do 105. Foi aí quando eles me chamaram, teve aquela fase de agrupamento, de conhecer mesmo o grupo. E aí eu comecei daí pra frente, a seguir com o 105 (T-5).

Para além da satisfação e do desejo de estar presente em partidas de futebol, os relatos acima mostram um ponto relevante acerca dessa forma de entrar para o Movimento 105: em ambos os casos, há referências a contatos feitos por membros da torcida, convidando os entrevistados a se juntarem ao grupo. Passado um período em que esses torcedores se colocaram como presenças constantes no estádio, participando das dinâmicas que permeiam o ambiente e adotando uma postura de apoio semelhante à empregada pelos membros da torcida, eles acabaram por receber o convite para ingressarem no 105.

A situação narrada corrobora a ideia de que, para integrar esse grupo, os elementos essenciais são a presença no estádio e o apoio incondicional ao Galo. Menções a práticas como “cantar” e “vibrar” junto à torcida, a partir da manifestação de “um modo de torcer próximo ao do 105”, exemplificam essa questão. Utilizando um termo recorrente no universo dos torcedores organizados, é possível dizer que os comportamentos mencionados se aproximam a uma dita “ideologia” do grupo em questão.

Representando um elemento valorizado pelos componentes do Movimento 105, a ideologia pode ser entendida como um conjunto de regras e ideais sob os quais são pautadas as ações do grupo. Nesse sentido, ela detém um potencial regulador, sendo capaz de definir o normal e o anormal, o que se enquadra e o que não se enquadra em

seus padrões, possuindo um papel importante na produção dos indivíduos que participam da torcida. Tal como dito por Veiga-Neto (2014, p. 74):

A norma se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado, quanto à população que se quer regulamentar; ela efetua a relação entre ambos, a partir deles mesmos, sem qualquer exterioridade, sem apelar para algo que seja externo ao corpo e à população que está nesse corpo.

É possível dizer, então, que a norma exerce um poder que se estabelece de forma silenciosa, possuindo efeitos tanto sobre corpos, quanto sobre populações. Relacionadas à definição de condutas, as normas têm importante participação na constituição curricular, uma vez que esse artefato pedagógico é produzido a partir de uma multiplicidade de conteúdos, temas, histórias e regras (PARAÍSO, 2001).

Conectando esses conceitos à ideologia do Movimento 105, nota-se que aquilo que é entendido como normal gira em torno de representações de sujeitos torcedores que expressam seu amor, sua devoção, sua fidelidade e seu apoio incondicional pelo Atlético. Dentre outros, são esses os conteúdos que recebem o maior destaque nas falas dos torcedores acerca dos significados que permeiam o pertencimento à *barra* do Galo.

Para mim, ser do Movimento 105 é fazer parte de uma torcida que canta o tempo inteiro, que vai aos jogos e que mostra seu amor pelo clube em qualquer situação. Acho que é isso que nos move, que faz a gente ficar juntos, construir as amizades e sentir essa alegria de estar na arquibancada pra apoiar o Atlético (T-10).

Bom, eu acho que é amar o Atlético. É isso (que precisa para ser do 105). É amar o Atlético e estar disposto a apoiar a equipe, a fazer pela equipe, se doar pelo time. Porque nós precisamos participar pra fazer a torcida existir e a função do 105 existir é o apoio ao Atlético (T-9).

Presentes no imaginário que ronda a relação de torcedores com seus clubes, o amor e a fidelidade por uma equipe não são elementos inovadores ou exclusivos, capazes de diferenciar os integrantes do Movimento 105 de outros apreciadores do futebol. Apresentando uma regularidade com enunciados encontrados em produções como as de Teixeira (1998), Damo (1998) e Silva (2001), a menção dessas características revela a adoção de um discurso valorizado no âmbito da modalidade.

Ao buscar conhecer como são os torcedores produzidos na *barra* do Galo, essas são questões importantes para a se considerar, visto que, além de enunciadas, guardam relações diretas com as ações e comportamentos manifestados por esses indivíduos. Tendo em vista a importância da união entre esses elementos, na constituição do currículo que produz os torcedores do 105, nos colocaremos a falar mais detidamente sobre as experiências e os aprendizados que permeiam as situações vivenciadas nos dias de jogos.

Entrelaçamentos Entre Símbolos, Comportamentos e Discursos

Compreendido como um aspecto fundamental para que um indivíduo seja reconhecido como membro do Movimento 105 Minutos, ir aos jogos do Atlético é uma atitude que envolve diversos elementos pedagógicos sobre o que é ser um integrante dessa torcida. Iniciando-se, de forma mais clara, quando os torcedores se reúnem nas proximidades do estádio, as relações de sociabilidade desencadeadas pelo apoio ao Atlético, a partir dos referenciais que sustentam a ideologia do 105, perduram durante todo o tempo de jogo e, em alguns casos, se estendem para tempos e espaços que extrapolam as fronteiras das partidas. Para esse trabalho, entretanto, iremos nos ater àquilo que ocorre no Independência e em seus arredores.

Mandando a maioria de suas partidas no referido estádio, localizado no bairro do Horto, em Belo Horizonte, desde maio de 2012, o Galo fez com que seus torcedores acabassem por construir um sentimento de identidade, tanto com a edificação que abriga o campo de jogo, quanto com as ruas e avenidas que dão acesso ao local. Prova disso é que, ao se reunirem e circularem nas imediações da Arena Independência, nos momentos que antecedem as partidas, os integrantes do Movimento 105 parecem se sentir como se estivessem em casa. Familiarizados com o espaço e conhecidos por

muitos dos sujeitos que transitam por lá, eles têm como ponto de encontro uma casa localizada a cerca de 100 metros dos portões de entrada do estádio.

Chegar com antecedência aos jogos é, além de um hábito imbricado com a sociabilidade dos torcedores, uma prova de comprometimento com o Movimento 105. Ainda que não seja uma atitude formalmente cobrada de todos os integrantes, é possível perceber que aqueles que mantêm o compromisso de estarem disponíveis nos momentos anteriores ao início das partidas, gozam de um prestígio e uma notoriedade maior dentro do grupo. Para além das possibilidades de maior convívio com outros membros, o que acaba por criar e fortalecer relações entre os torcedores, essa valorização pode ser explicada pela necessidade de pessoas para contribuir em tarefas como o transporte de materiais e a fixação de faixas nas arquibancadas.

Uma vez dentro do estádio, o principal elemento que compõe o modo de ser do integrante do Movimento 105 Minutos é a manifestação de apoio irrestrito e constante ao Atlético, fato que remete, inclusive, às ideias presentes na fundação desse grupo. Conforme pontuado por um dos entrevistados, dentre as aspirações dos sujeitos que participaram da criação do Movimento 105, havia o desejo de formar “um movimento, um grupo, uma família de atleticanos” (T-7) que teria como objetivo comparecer ao estádio e apoiar o Galo durante todos os instantes da partida. Esse seria o ideal que serviria de referência para a escolha do nome “Movimento 105 Minutos”: a união de torcedores dispostos cantar pelo Atlético ininterruptamente, ao longo dos 90 minutos de jogo e dos 15 de intervalo.

Sobre isso, cabe destacar que o amor e o apoio incondicional ao Galo aparecem, também, como formas que os membros do Movimento 105 encontram para se aproximarem das imagens que eles têm das *barras*. Na medida em que essas torcidas constituem a principal inspiração para o modo de torcer que eles manifestam, as

referências às suas ações festivas e de fidelidade ao clube fazem parte dos comportamentos que eles procuram manifestar no estádio.

Eu admiro muito o modo de torcer das *barras*, principalmente das argentinas. E quando a gente fala que o 105 é uma *barra*, a gente sabe que tem diferenças pras *barras* de lá. Mas a gente procura trazer o máximo possível pra nossa realidade. Então, se eu tivesse que falar aquilo que é mais parecido, eu diria que é nossa ideologia de cantar o tempo inteiro, do alento, de não parar de apoiar nunca o time (T-10).

As *barras* têm um estilo de torcer que eu sempre admirei. A questão das músicas, do apoio, do estilo de festas que elas fazem nas arquibancadas, sempre mostrando a paixão e a fidelidade ao time. Tudo isso compõe um modo de torcer que eu sempre admirei, seja vendo na televisão ou na internet. E algumas coisas disso, claro que não é tudo, a gente tenta trazer pro 105 e acaba adaptando à nossa realidade (T-3).

Ao analisar esses relatos, evidenciamos a importância que o referencial das *barras* exerce no modo de torcer do grupo em questão. “Cantar o tempo inteiro”, “não parar de apoiar nunca” e não ter “ninguém vaiando” a equipe, representam características que os integrantes do Movimento 105 enxergam, admiram e tentam trazer para o contexto por eles vivenciado.

Vale pontuar, no entanto, que há toda uma ritualização envolvida nos atos de cantar e apoiar o Atlético durante o tempo que compreende uma partida. Com o intuito de se aproximarem dos modos de torcer das *barras*, os integrantes do Movimento 105 têm o costume de ficar de pé sobre as cadeiras do estádio, movimentando suas mãos, braços e antebraços em um ritmo marcado pela batida do bumbo, dando forma a um gestual conhecido como “alento”. Ao agirem assim, costumam se diferir dos demais torcedores do estádio, que geralmente batem palmas para acompanhar o ritmo das canções, conforme mostrado no depoimento abaixo:

Acho que uma coisa específica do Movimento 105 é o alento. Que é esse jeito de torcer e de acompanhar as batidas da música com os gestos dos braços. No Brasil, a gente vê muito a questão das palmas, que fazem parte da cultura das torcidas brasileiras. E no Movimento 105, a gente traz essa inspiração das *barras*, que faz com que a gente tenha essa manifestação diferente, de ter esse movimento com os braços pra acompanhar (T-4).

De modo adicional, cabe ressaltar que alguns materiais utilizados pelo Movimento 105, também lhe proporcionam singularidades perante as demais torcidas presentes na Arena Independência. Além das faixas, bandeiras bumbos e caixas, tradicionalmente usadas pelas organizadas brasileiras, o grupamento estudado costuma utilizar a murga (instrumento que consiste em um bumbo com um prato), bandeirolas (bandeiras menores, distribuídas para integrantes e torcedores comuns) e trapos (tiras de pano nas cores de seu clube). Com a união desses elementos e seguindo a ideologia que caracteriza a torcida, entoam cânticos cadenciados, inspirados nos ritmos das músicas que embalam as *barras* de países vizinhos.

A cadência das músicas é um ponto importante desse jeito de torcer. Porque nós temos o ideal de apoiar e cantar pelo Atlético o tempo todo, mas ninguém dá conta de cantar naquela explosão o jogo inteiro. (...) Então, já no início, alguns integrantes tiveram essa ideia desse canto mais cadenciado, que é característico das *barras*. E com ele a gente consegue manter o ritmo e seguir apoiando durante os 105 minutos do jogo (T-9).

Reconhecer, aprender e dominar esses signos são aspectos fundamentais para ser parte do Movimento 105. Ainda que tais aprendizados sejam comumente transmitidos pela observação e mimetização de gestos, atos e falas, inseridos no contexto discursivo de valorização do amor, do apoio e da fidelidade ao Atlético, existem controles e coerções a indivíduos que se distanciam das regras tacitamente estabelecidas pelo grupo. Conforme demonstrado pelo relato abaixo, extraído do diário de campo, esse tipo de situação pode ser notado em meio às dinâmicas que marcam as ações do Movimento 105 Minutos nas arquibancadas, onde os corpos de seus integrantes se encontram constantemente vigiados e controlados.

Ao começar o primeiro tempo, me coloquei a cantar e a fazer os gestos de alento, repetindo a postura de apoio seguida por todos os integrantes do 105. Como a expectativa gerada pelo jogo era alta, por diversos minutos as arquibancadas estiveram animadas, com quase a totalidade do estádio se manifestando em apoio ao Atlético. À medida que o tempo foi passando, entretanto, a empolgação dos torcedores comuns foi se tornando menor, o que fez com que o Movimento 105 tentasse cantar ainda mais alto, para animar as pessoas ao redor. Para isso, havia um integrante da torcida que, de

costas para o campo, olhava para os membros do grupo e ficava chamando todos para que cantássemos cada vez mais alto. Quando ele percebia que alguém estava parado, caminhava até a pessoa e chamava ela de perto, de modo que, esquecendo o que se passava dentro de campo, passou vários minutos controlando e chamando os torcedores para fazer aquilo que o Movimento 105 entende como sendo o ideal do grupo e a obrigação de todo atleticano (Diário de campo, Atlético X Grêmio, 03/11/2018).

Ao analisar esses dados é possível perceber que, no Movimento 105 a adequação do discurso à prática nos estádios é algo flagrante no comportamento de alguns de seus integrantes. Presente no nome da torcida, a manifestação de apoio do início ao fim do jogo é uma regra importante para esses indivíduos. Uma vez cientes do modo de agir valorizado no interior da torcida, os membros da torcida buscam, além de conformar suas atitudes a um determinado padrão de comportamento, estabelecer uma espécie de vigilância para que outros indivíduos também se integrem a esse proceder. Nesse sentido, ainda que não sejam todos os torcedores que se colocam a fazer essas cobranças, sempre há indivíduos que mobilizam esforços para que todo o grupo aja de acordo com os ideais que guiam a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Mais importante, no entanto, que as ações explícitas de repressão, é o aprendizado de um modo de agir aceito e desejado naquele meio social. Como consequência da presença dessa regulação de condutas no nível dos saberes, é possível mencionar a existência de uma espécie de disciplina no Movimento 105, a qual tem um importante papel na fabricação de sujeitos torcedores. Sobre ela, é possível afirmar:

Em primeiro lugar, dizer que a disciplina fabrica corpos dóceis não significa dizer que ela fabrica corpos obedientes. Falar em corpos dóceis é falar em corpos maleáveis e moldáveis; mas não se trata, aí, de uma modelagem imposta, feita à força. Ao contrário, o que é notável no poder disciplinar é que ele “atua” ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo – no eixo corporal –, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar – no eixo dos saberes (Veiga-Neto, 2014, p. 71).

Imbuídos de saberes relativos à ideologia da torcida, os integrantes da *barra* do Galo fazem dos estádios um espaço privilegiado para a manifestação de um modo característico de ser. Para tanto, o entendimento do que é esperado que se faça,

juntamente com a sensação de estar sendo constantemente vigiado para assim proceder, são agentes que trabalham de forma conjunta na constituição desses sujeitos como torcedores.

Entretanto, é importante destacar que, por estarem inseridas em realidades diversas, localizadas em espaços geograficamente distantes àquele em que atua o Movimento 105, as ideias que esses torcedores carregam sobre as *barras* podem ser enxergadas como representações criadas acerca de um modo de ser torcedor. Tomando aquilo que foi dito por Woodward (2014, p. 18), pode-se afirmar que:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Construídas por vias discursivas, as representações possuem o poder de criar verdades sobre aquilo a que se referem. Consequentemente, ao tratar desses elementos no contexto utilizado pelos integrantes do Movimento 105, procuramos dar destaque à capacidade que eles têm de falar sobre os modos como esses indivíduos desejam ser reconhecidos em suas semelhanças com as *barras*.

Sem se ligarem de forma direta à organização estrutural ou à atuação fora dos muros dos estádios, os membros da *barra* do Galo pretendem trazer elementos da festa nas arquibancadas para sua realidade. Com isso, buscam meios de materializar não apenas os ideais que carregam acerca das torcidas nas quais eles se inspiram, mas também a ideologia da torcida, a motivação para a criação do Movimento 105 e o próprio sentimento que nutrem pelo Clube Atlético Mineiro.

Organização Interna e Possibilidades de Participação na Torcida

Dotado de interfaces com diferentes dimensões da vida dos torcedores, o Atlético é revestido de um papel relevante para os sujeitos dessa pesquisa. Vinculado a experiências relativas à religiosidade, à definição do humor, a questões que concernem aos sentidos de coesão familiar e, até mesmo, a características pessoais dos indivíduos, esse clube assume significados que rompem com as fronteiras demarcadas pelo campo de jogo.

Meus pais sempre foram muito ligados à religião, mas acabou que eu nunca tive uma vinculação tão grande quanto a deles. Só que quando eu olho pra minha relação com o Atlético, com a ação de ir ao estádio, eu posso dizer que é como se eu tivesse vivendo algo parecido com o que eles vivem com a religião. Então eu acho que o Galo acaba preenchendo um espaço meio que de religião na minha vida (T-2).

Pra mim o Atlético tem uma importância muito grande. É um negócio que interfere no humor, que faz parte do dia a dia. (...) Tem o lado profissional, que a gente tem as obrigações que precisa respeitar, mas já deixei de ir em muitos compromissos particulares por causa do Galo. Então é um negócio que não é um lado menos importante da vida, é um componente importante e fundamental da minha vida (T-7).

Como pode ser visto, ao revelarem seus vínculos com Galo, nenhum dos indivíduos se furtou em mostrar a carga emocional que compõe essa relação. Para tanto, utilizam de elementos discursivos carregados de palavras e sentidos que permeiam diferentes campos enunciativos.

Na medida em que a existência de um enunciado é dependente da relação com outros enunciados (FISCHER, 2001), os torcedores se apropriam de termos como “religião”, “família”, “amor”, “vida” e “paixão”, com o objetivo de que compor discursos capazes de demonstrar a importância que o Atlético exerce em suas vidas. É em meio a esse cenário, marcado pelo desejo de transmitir e valorizar a relevância que essa equipe exerce em suas vidas, que os integrantes do Movimento 105 interagem entre si e desempenham diferentes funções na torcida, fato que pode ser visualizado através de um olhar para a organização interna do grupo.

Embora não haja uma estrutura hierárquica rígida dentro do Movimento 105, há indivíduos que assumem posições de liderança e são reconhecidos por isso. Com uma diretoria composta por sete integrantes (sendo seis homens e uma mulher), o grupamento utiliza esse corpo de torcedores para o comando e a tomada de decisões importantes para seu funcionamento. Dentro desse grupo, há ainda outra diferenciação, demarcada pela existência de um “chefe” ou “*capo*”, que é a pessoa a quem se atribui um protagonismo na representação e nas decisões que concernem ao 105. Tal como ocorre nas *barras* argentinas, é o *capo* quem tem a responsabilidade de representar a *barra* institucionalmente, fazendo os contatos com o clube e com autoridades da segurança pública (MOREIRA, 2006).

Juntos, o chefe e demais diretores se responsabilizam por ações como as viagens, as festas, as ações sociais, a confecção e a venda de materiais da *barra* do Clube Atlético Mineiro. Na medida em que a torcida não possui um sistema de associados, alguns desses eventos exercem papéis essenciais para a arrecadação dos recursos necessários à sua manutenção. Como o Movimento 105 não detém uma sede própria (a casa que utilizam para os encontros é cedida por outra organizada do Atlético), não há valores vultuosos envolvidos em seus gastos correntes. Entretanto, existem despesas em torno da manutenção e da aquisição daquilo que os torcedores chamam de patrimônio, como as faixas, as barras, as bandeiras, as bandeirolas e os instrumentos musicais do grupo.

Dentro desse contexto, a venda de materiais como camisas, casacos, chapéus e adesivos com os símbolos da instituição são, juntamente com as “vaquinhas⁷”, as ações frequentemente utilizadas para obter dinheiro com a finalidade de cobrir os gastos básicos do Movimento 105. Eventualmente, a realização de festas pode aparecer,

⁷ Denominação popular para a arrecadação de fundos por meio de doações realizadas pelos membros de um determinado grupo ou instituição.

também, como uma opção para a arrecadação de recursos, muito embora os torcedores declarem que o objetivo desses eventos não é gerar saldo financeiro para a torcida. Para além da coordenação dessas ações, os membros da diretoria se colocam na linha de frente da organização dos procedimentos de preparação para os jogos, o que inclui desde reuniões com o clube, autoridades policiais e dirigentes de outras organizadas, até o planejamento relativo à disposição e à fixação dos artefatos da torcida no estádio.

Prova do comprometimento com o grupo e sua ideologia, estar em uma posição de liderança é, também, resultado da disponibilidade e da disposição em se dedicar ao Atlético e ao Movimento 105. Entretanto, ser diretor, *capo* ou permanecer como um componente “comum” não significa possuir um amor maior ou menor pelo Galo. Motivadas por diferentes situações, tais condições aparecem como resultados das ações, dos interesses e das contingências da vida de cada um desses sujeitos, em suas interfaces com as experiências que eles vivenciam como torcedores.

Hoje em dia, eu participo da diretoria do Movimento 105. Eu tô presente na organização de caravanas e coordeno a parte das ações sociais da torcida. E além disso, eu também toco na banda, que também não é algo comum entre mulheres de outras torcidas. (...) Por ser mulher e ter essas funções, eu acredito que tenho um papel de ser exemplo pra outras meninas. Tem torcida que não deixa as meninas viajarem, o que dirá de ter a responsabilidade de organizar uma caravana. (...) Mas eu vejo isso no 105 como algo muito tranquilo, pelo respeito que todo mundo tem entre si. E dentro da própria torcida eu incentivo a entrada de outras mulheres, chamo mais meninas pra tocarem na banda e é assim eu procuro seguir (T-10).

Eu me vejo como um membro como outro qualquer. (...) Por morar em uma cidade diferente, não é sempre que eu posso vir nos jogos. Mas sempre que eu tô, eu procuro ajudar, procuro cantar, puxar a torcida. Porque são coisas que eu gosto de fazer, coisas que vêm de mim mesmo. Então acho que passam por aí os meus papeis (T-1).

Para além das questões que mostram diferentes formas com as quais os membros da torcida podem se colocar no grupo, destacamos as funções ocupadas pelos integrantes do Movimento 105: diferentemente do que ocorre em outras torcidas organizadas do Atlético, é possível encontrar uma mulher que ocupa um espaço de liderança no interior desse grupo. Entretanto, apesar da fala mostrar o Movimento 105

como um espaço aparentemente acolhedor e respeitoso à inserção e participação das mulheres, é preciso um olhar mais aprofundado para essa situação.

Quando se atenta para a representatividade que pessoas do sexo feminino têm no futebol brasileiro, tanto na condição de praticantes, quanto no papel de torcedoras, a realidade desse esporte se apresenta, em muitos casos, hostil à presença das mulheres. Nesse sentido, durante o trabalho de campo, ao observar as rodas de conversa nos entornos do Independência ou mesmo a distribuição dos torcedores nas arquibancadas, foi possível perceber a predominância de um público formado por homens frequentando esses espaços.

Com horário de início do jogo marcado para as 11h de um domingo de Dia dos Pais, os entornos da Arena Independência se encontravam repletos de famílias. Chegando na região por volta de 9h30, me coloquei a observar o movimento das ruas, antes de seguir para me encontrar com os integrantes do Movimento 105. Rapidamente, pude perceber que, ainda que na fase da pesquisa exploratória eu já tivesse notado uma boa presença de pais e mães, que iam juntos com seus filhos ao estádio, nesse dia, sem dúvidas, a proporção era maior do que o normal. O horário do jogo e a ocasião festiva devem ter contribuído para essa mudança. Vale destacar, entretanto, que alguns padrões permaneciam intactos: quando comparado ao número de homens, poucas mulheres eram vistas sozinhas ou em grupos formados apenas por mulheres; nenhum casal homossexual aparecia de mãos dadas, ao passo que diversos casais heterossexuais andavam assim; nas torcidas organizadas, a grande maioria das pessoas uniformizadas eram do sexo masculino (Diário de campo, Atlético X Santos, 12/08/2018).

Tendo isso em vista, vale destacar que a predominância masculina extrapola a questão numérica e se materializa na naturalidade com que os homens são enxergados nesse ambiente. A eles é permitido ir sozinho, ir acompanhado, ir com o filho ou com a filha, com a esposa ou com namorada. A menos que haja alguma manifestação que fuja da norma estabelecida por um ideal de aproximação com a heterossexualidade, nenhuma dessas situações são potencialmente causadoras de estranhamentos, indisposições ou comentários maldosos por parte dos demais presentes.

Com as mulheres, no entanto, a história é diferente. A posição ocupada por elas no estádio não é percebida de modo análogo ao que ocorre com os homens. O assédio e

os comentários depreciativos, embora não sejam generalizados, acontecem com uma frequência considerável, de modo que, por mais de uma vez, visualizamos mulheres sendo abordadas por homens nos arredores do Independência. De forma complementar, cabe destacar que quando há no trio de arbitragem algum componente do sexo feminino, observamos a presença de referências machistas nos atos hostis dos torcedores. Nessas ocasiões, contestar a legitimidade da presença da mulher com um papel de protagonismo no campo de jogo é algo recorrente nas ações vindas das arquibancadas.

Tal como mostrado por Bandeira (2013, p. 247), “dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol, a masculinidade possui preponderância”, estando representada por ações diretamente ligadas ao machismo e à homofobia. Fato semelhante é notado no trabalho de Silva Júnior (2018), que revelou a existência de uma dita “pedagogia do armário”, que faz com que torcedores homossexuais se apropriem do ambiente dos estádios reproduzindo a estética dos comportamentos predominantes no espaço, o que inclui, dentre outras coisas, a mimetização de posturas machistas e homofóbicas.

Cabe dizer, então, que além das representações que envolvem o amor, o apoio e a fidelidade incondicional ao clube, os discursos que permeiam as vivências dos torcedores de futebol podem conter, também, elementos discriminatórios. Com ofensas voltadas, predominantemente, a mulheres e homossexuais, muitos dos enunciados produzidos por esses sujeitos acabam por referendar e assumir um posicionamento que se alinha à uma visão hegemônica de masculinidade.

Marcada por pensamentos que pregam a exacerbação das demonstrações de virilidade e da valorização de uma orientação heterossexual, essa representação possui um potencial criador sobre a realidade na qual atua. Mesmo que as falas oficiais

ocultem esses fatos, é possível perceber influências desses discursos nos posicionamentos assumidos pelos sujeitos que integram o Movimento 105.

Para além disso, vale dizer que não observamos ou tomamos conhecimento da presença de homossexuais entre os membros da *barra* do Galo. Nota-se, portanto, uma congruência com apontamentos realizados em momentos anteriores, onde também foi revelada a dificuldade de perceber manifestações livres dessa orientação sexual no âmbito geral da torcida do Atlético.

Sobre as mulheres, por sua vez, há dois apontamentos principais a serem realizados: um referente à representatividade numérica e outro que diz respeito à possibilidade de desempenhar tarefas no grupo. Com relação ao primeiro ponto, há ainda um longo caminho a ser seguido, visto que além de serem minoria no grupo, não é comum que pessoas do sexo feminino ocupem funções de direção no Movimento 105, mesmo que, oficialmente, não exista nenhum impeditivo para que isso ocorra.

No que diz respeito à participação nas atividades da torcida, não foram notadas restrições às ações desempenhadas pelas mulheres. Apesar de imersas no cenário de um esporte onde são posicionadas em posições de inferioridade em relação aos homens, as mulheres, dentro do Movimento 105, estão inseridas em todas as atividades regulares do grupo. Podem, assim, dentre outras coisas, ir aos jogos, participar das caravanas, tocar instrumentos, colocar e recolher os materiais da torcida no estádio.

Entretanto, apesar de estarem envolvidas nessas ações, fazer parte de uma torcida organizada representa, por si só, uma situação de oposição a padrões socialmente construídos.

Pra mim, ser do 105 representa uma conquista. É uma conquista porque a mulher que participa de torcida organizada, não é bem-vista. E eu já tive essa dificuldade dentro de casa, porque na família do meu pai, mulher em estádio era um negócio que não existia. Na casa da minha mãe era tranquilo, mas com a família do meu pai, era uma coisa que eu tinha muito problema. (...) E tem essa relação com a sociedade. Na minha faculdade, ou quando estou conversando com alguém e falo que sou de torcida, a pessoa já arregala os

olhos. Mas eu não me importo com isso. Eu até penso que é uma oportunidade pra passar uma coisa diferente, porque as vezes a pessoa não tem conhecimento e só fica com a visão da mídia, daquilo que ela vê de longe. Então eu aproveito esse espaço pra tentar desconstruir mesmo, mostrar uma nova visão, colocar um lado diferente, representado pelas visões de alguém que faz parte de uma torcida organizada (T-10).

Além de revelar dificuldades e preconceitos vivenciados por mulheres enquanto torcedoras e, sobretudo, como integrantes de uma torcida organizada, é possível perceber formas de resistir às barreiras sociais vigentes. Mesmo que em qualquer sociedade os corpos estejam sempre presos por “poderes muito apertados”, que lhes impõem “limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1986, p. 126), existem possibilidades de romper e/ou resistir às lógicas que atuam no estabelecimento das regras. Como mostrado na narrativa acima, ainda que estivesse inserida em uma estrutura que impunha forças no sentido contrário à realização de suas ações como torcedora, a entrevistada conseguiu atuar no sentido de realizar suas vontades, utilizando dos elementos à sua volta para construir e modificar a realidade por ela vivenciada.

Tal como dito por Foucault (2006, p. 249), “não há relações de poder sem resistência” e as resistências “são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder”. Nesse sentido, a busca das mulheres para ocupar seu espaço no futebol é uma questão essencial para a promoção da igualdade de gênero nesse esporte, devendo ser perseguida tanto dentro, quanto fora das torcidas organizadas.

Conclusões

Conforme apreendido através das entrevistas e observações do trabalho de campo, o amor, a fidelidade e apoio incondicional ao Atlético parecem ser as molas propulsoras das ações dos integrantes do Movimento 105. São esses os conceitos

presentes em suas falas que se mostram mais presentes nas ações, comportamentos e discursos assumidos pelo grupo.

Ao observar diferentes aspectos envolvidos na dinâmica de funcionamento dessa torcida, é possível identificar uma forma de organização e transmissão de conhecimentos, capaz de constituir um currículo próprio do grupamento estudado. Materializada a partir de experiências, discursos e interações sociais, a transmissão desses saberes, tanto dentro, quanto fora do estádio, está imbricada nas falas que dão vida àquilo que se espera dos torcedores, atuando na validação de comportamentos valorizados pelo grupo. Ser do Movimento 105 é, portanto, reconhecer, aprender e operar com os signos materiais e simbólicos cultuados pela torcida.

Tendo as *barras* como inspiração, o apoio incondicional e ininterrupto que emana das arquibancadas, é um dos marcadores mais destacados do grupo. Aprendido no convívio e materializado nos discursos dos torcedores, esse modo de se manifestar inclui práticas ritualizadas que diferem o Movimento 105 de outras torcidas organizadas do Atlético.

Para que esse processo seja produzido e reproduzido ao longo da história do grupo, é importante destacar a organização interna da torcida e os diferentes papéis exercidos por seus integrantes, visto que, é a partir da ação desses sujeitos que a ideologia do 105 vai sendo transmitida no decorrer dos anos. Predominantemente composto por indivíduos do sexo masculino, são esses os sujeitos que ocupam, predominantemente, as funções de liderança.

Sobre a presença das mulheres, é preciso dizer que, institucionalmente, o Movimento 105 não apresenta nenhuma barreira que impeça sua participação e a atuação nas dinâmicas da torcida. Presentes em menor número, elas vão para a arquibancada, tocam instrumentos, viajam com a torcida e possuem, até mesmo, uma

representante na diretoria. Entretanto, não se pode dizer que há uma paridade de papéis em relação aos homens.

Uma vez imersas na estrutura machista que vigora no futebol e, sobretudo, no universo das torcidas organizadas, essas torcedoras não deixam de relatar a necessidade de romperem com uma lógica que resiste em reconhecer sua legitimidade nos espaços que envolvem esse esporte. Tendo isso em vista, o presente estudo abre espaço para pensar em questões amplas no âmbito do futebol e da sociedade como um todo.

Na medida em que tal modalidade representa uma vivência de lazer fruída e/ou desejada por milhões de brasileiros, atentar às questões que envolvem seus torcedores é uma questão essencial para lutar pelo acesso democrático às arquibancadas e às vivências de lazer. Para tanto, questões de renda/classe social, sexo/gênero, raça/etnia, orientação sexual e muitas outras devem ser levadas em consideração, a fim de que esse esporte seja um espaço inclusivo, que não faça distinção ao ser apropriado por qualquer cidadão/ã brasileiro/a.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, P., ZUCAL, J. G., MOREIRA, M. V. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, 14 (30), 113-136, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200005>

BANDEIRA, G. A. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, G. A., SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, 14(29), 246-270, 2013. Recuperado a partir de <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>

BERGO, R. S. **Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CORAZZA, S. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, M. V., SILVEIRA, R. H. e SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, 23, 36-61, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>

DAMO, A. S. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, 114, 197-223, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOMES, C. L., AMARAL, M. T. M. **Lazer e Cultura**: Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer. Brasília: UniSesi, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MASCARENHAS, G. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. **Advir**, 32, 24-38, 2014.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOREIRA, M. V. Trofeos de guerra y hombres de honor. Em P. ALABARCES, Pablo; *et al.* (Eds.), **Hinchadas**. (pp. 75-89). Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

PARAÍSO, M. A. A. Produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação e Realidade**. 26(1), 141-160, 2001. Recuperado a partir de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/41320>

PARAÍSO, M. A. A. Currículo, Desejo e Experiência. **Educação & Realidade**, 34(2), 277-293, 2009. Recuperado a partir de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9355>

PARAÍSO, M. A. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, 40(140), 587-604, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200014>

PRATES, D. M. DE A., GARBIN, E. M. Culturas juvenis assembleianas. **Educação em Revista**, 33, 1-27, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-4698164623>

SILVA JÚNIOR, J. A. **Pedagogia do armário**: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais (Tese de Doutorado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação do torcedor com o clube. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

SILVA, T. T. da. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STEINBERG, S. R. Produzindo múltiplos sentidos: pesquisa com bricolagem e pedagogia cultural. Em E. R. Kirchof et al. (Eds.). **Estudos Culturais & Educação:** contingências, articulações, aventuras, dispersões. Canoas: Editora da ULBRA, 2015. p. 211-241.

TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão:** filosofia e prática das torcidas jovens cariocas (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. En T. T. da Silva, et al. (Eds.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes, 2014.

Endereço dos Autores:

Mauro Lúcio Maciel Júnior
Endereço eletrônico: maurolmj9@hotmail.com

Hélder Ferreira Isayama
Endereço eletrônico: helderisayama@yahoo.com.br